



## GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

### Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

### Sessão 1

**Debatedor/a:** Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

### Sessão 2

**Debatedor/a:** Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

### **?Subconjuntos? em festa entre o alto rio Purus e o Javari**

**Autoria:** Marcos de Almeida Matos (UFAC - Universidade Federal do Acre), Beatriz de Almeida Matos

Partindo de uma análise etnohistórica do caso Manxineru (habitantes das margens do alto rio Iaco, falantes de uma língua arawak) e Matsés (habitantes da bacia do rio Javari, falantes de uma língua pano) a comunicação propõe algumas ideias para a compreensão do cosmopolitismo ameríndio no sudoeste amazônico. Para isso, procura-se fazer uso da noção levi-straussiana de ?conjunto de transformação?. Festas ou rituais como o ihinika paumari, as festas de iniciação feminina no médio Purus e entre os Arawak do baixo Urubamba, o coidsa madiha, o tamara wari, os hori kanamari (ou os kohana, quando os -tawari visitantes são espíritos), os ritos de katxanawa e de caçada especial entre os Pano do alto Purus e os ritos de visita dos espíritos entre os Pano do vale do Javari, ou o yankwa Enawene-Nawe, poderiam ser pensados como compondo um grande mosaico cosmopolita, onde afins potenciais ou parentes ritualmente ?afinizados? seriam recebidos propriamente transformados em onças, queixadas, espíritos e etc.. Amparados pela análise comparativa do que podemos chamar de ?rituais de visita?, sugerimos pensar os chamados ?subgrupos? (conceituados então como ?subconjuntos? de um ?conjunto de transformação?) como funções assumidas em encontros ou festivais, cujo caráter geral e cosmopolita pode ser atestado pela leitura das etnografias sobre povos indígenas que vivem no mosaico de territórios compreendidos entre os cursos do alto rio Purus e do alto rio Javari e os seus principais afluentes (nos quais centraremos a nossa análise).



**Reunião Brasileira  
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:  
DIFERENÇAS E DIREITOS  
RIO 2020

[www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA](http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA)

ISBN: 978-65-87289-08-3

---



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: